

## Uma história paradoxal

*Teresa Genesini*

*No livro *Um Antropólogo em Marte*, o Dr. Oliver Sacks relata o caso de Temple Grandin, uma autista singular. Conheça essa mulher que, na infância, não tinha perspectiva de um desenvolvimento normal, mas conseguiu se tornar PhD em biologia*

Tema central do livro *Um Antropólogo em Marte*, do neurologista Oliver Sacks – autor dos best sellers *Tempo de Despertar* e *O Homem que confundiu sua mulher com um chapéu* –, o autismo foi descrito quase que simultaneamente por Leo Kanner e Hans Asperger, já nos anos 1940. Kanner descrevia o autismo como um desastre consumado, enquanto Asperger, que mais tarde batizaria a “Síndrome de Asperger”, achava que o autismo podia ter certos aspectos positivos e compensatórios, como uma “originalidade particular de pensamento e experiência, que pode muito bem levar a conquistas excepcionais na vida adulta”.

Os casos estudados por Kanner são, em maioria, de crianças com retardo mental, com convulsões e sinais neurológicos “suaves”, com distúrbios linguísticos complexos e estranhos. As crianças autistas estudadas por Asperger, ao contrário, tinham geralmente inteligência normal ou muitas vezes superior e menos problemas neurológicos. Ambos trataram o autismo clinicamente e fizeram descrições com tamanha riqueza e precisão, que mesmo hoje é difícil superá-los.

Até a conclusão do livro, em 1995, que a incidência de autismo era de um em mil, ocorrendo em qualquer lugar do mundo, com características constantes até nas culturas mais diferentes. Normalmente a disfunção só é detectada no segundo ou terceiro ano de vida da criança. Porém, a causa do autismo ainda tem sido motivo de discussão. Asperger via o autismo como uma deficiência biológica de contato afetivo – inata, congênita, análoga a uma deficiência física ou intelectual. Kanner via o autismo como um distúrbio psicogênico, um reflexo de maus pais e, mais especificamente, de uma “mãe geladeira”, distante, fria. Naquela época, o autismo era frequentemente confundido com esquizofrenia infantil. Nos anos 1960, essa tendência de culpar a mãe pelo autismo dos filhos começou a ser revertida e a natureza orgânica do autismo passou a ser aceita.

Sacks argumenta que, geneticamente, o autismo é heterogêneo – às vezes dominante e outras vezes recessivo. Afirma que o autismo tem uma disposição biológica, sendo em alguns casos genético. Há estudos confirmando que pode ser uma consequência de problemas metabólicos (como hidrocefalia) e outros mais recentes, afirmando que o autismo pode ser causado pela exposição a agentes tóxicos.

O neurologista é taxativo ao dizer que cada caso de autismo é singular – não há duas pessoas com autismo que sejam iguais. Sua expressão, em cada caso, é diferente. Em sua experiência com autistas, Sacks encontrou casos como os descritos por Kanner e outros como os descritos por Asperger. Descreve comportamentos de autistas que pareciam normais, mas, quando se aproximava deles, notava hábitos estranhos. As crianças estavam empenhadas em atividades solitárias e repetitivas, ninguém estava realmente brincando – sozinho ou com qualquer um dos outros. A maioria das crianças parecia fisicamente normal, e o sinistro era sua distância, sua inacessibilidade. Alguns já na adolescência começam a emergir, a falar fluentemente, a desenvolver habilidades sociais – muito mais difíceis para essas crianças do que qualquer outro aprendizado acadêmico – e a criar aparências sociais que pudessem apresentar ao mundo. O autor viu crianças de todo tipo: algumas inteligentes, outras ligeiramente retardadas, algumas desembaraçadas e outras tímidas – mas todas com sua personalidade ímpar. Asperger escreveu sobre uma “inteligência autista” – uma inteligência praticamente intocada pela cultura e pela tradição – pouco convencional, não ortodoxa, estranhamente “pura” e original, análoga a uma inteligência criativa.

#### *Temple Grandin, antropóloga em Marte*

Antes de conhecer Temple Grandin, Oliver Sacks leu sua autobiografia, o que lhe provocou desconfiança. Como poderia uma autista ter um autoconhecimento, compreender os outros e ainda escrever uma autobiografia? Porém, é sabido que, diferentemente das crianças normais, os autistas se lembram de coisas do segundo e até do seu primeiro ano de vida. Lendo sua autobiografia e seus artigos tem-se idéia de como ela era estranha e diferente de uma criança normal: aos seis meses começou a ficar enrijecida nos braços da mãe, aos dez meses a arranhá-la “como um animal encurralado”; aos dois anos apresentava um olfato notável e ausência de modulação nos ouvidos – como microfones desamparados, no volume mais alto. Aos três anos, a menina tornou-se destrutiva e violenta. Em vez de barro para modelar, usava suas fezes e espalhava suas criações por todo o quarto. Desenvolveu um poder de concentração tão grande que podia criar seu próprio mundo, um lugar de calma e ordem no meio ao caos e ao tumulto. Com total ausência de fala até os três anos, foi levada a um neurologista que a diagnosticou como autista, sem perspectiva de ter um desenvolvimento bem sucedido como pessoa normal.

O que chamou a atenção de Oliver Sacks para o caso de Temple Grandin é como ela tinha conseguido, apesar de sua infância praticamente ininteligível – com seu caos, suas fixações, sua inacessibilidade, sua violência – tornar-se uma bióloga e engenheira bem sucedida. Decidido a estudar seu caso, resolveu então visitá-la.

Sacks conheceu Temple Grandin quando ela já era Professora-Assistente no Departamento de Ciências Animais da Colorado State University, onde se encontraram pela primeira vez. Temple tinha na época pouco mais de quarenta anos, alta, encorpada e vestia-se sempre de jeans e bota de cowboy. Ela falava bem e de maneira clara, mas com certa fixidez e ímpeto ininterrupto. Cada sentença e cada ideia proferida, uma vez iniciadas tinham que ser finalizadas. Nada era deixado implícito, solto no ar. Faltava-lhe uma percepção pessoal de como os outros sentem – como as nuances, as sutilezas sociais de convivência. Ela podia entender emoções “simples, fortes, universais”, mas ficava confusa com as mais complexas e

os jogos com que as pessoas se envolviam. Foi ela quem inspirou o título do livro, ao afirmar: “A maior parte do tempo eu me sinto como um antropólogo em Marte.”

Sua vida resume-se a seu trabalho. Ela mesma disse inúmeras vezes a Sacks: “Meu trabalho é minha vida. Não há muita coisa além disso.” Em termos profissionais, ela é extraordinariamente bem-sucedida, embora não possa captar outras intenções humanas, sociais e/ou sexuais. Seu trabalho de PhD foi sobre os efeitos de um meio ambiente enriquecido ou empobrecido no desenvolvimento dos porcos. Comparava os porcos em ambientes empobrecidos a autistas, por serem hiperexcitáveis e agressivos. Os animais deviam ser sacrificados ao final da experiência para que seus cérebros fossem examinados. Ela descreveu como os porcos confiavam nela ao final do experimento, a ponto de permitir que os conduzisse em sua última caminhada. Ela acalmara os bichos, afagando-os e conversando com eles, enquanto eram mortos. Ficou muito abalada com suas mortes – chorava sem parar.

Após o trabalho, Temple começou a dar conferências e escreveu centenas de artigos sobre o comportamento animal e sobre o autismo; é consultora em comportamento animal para indústrias ligadas à criação e abate de animais para produção de commodities.

Numa visita a uma fazenda de gado, Temple afirmou: “Agora sinto-me em casa. Quando estou com o gado, não tem nada a ver com cognição. Sei o que a vaca está sentindo”. E prosseguiu: “É diferente com gente”. Sacks ficou impressionado com o abismo entre o reconhecimento imediato e intuitivo que Temple tinha dos signos e estados de espírito dos animais e sua extraordinária dificuldade em compreender os seres humanos, seus códigos e sinais, a maneira como se comportam.

Temple desenvolveu uma máquina que pressiona o corpo como se fosse um abraço – quando era menina queria muito ser abraçada, mas, ao mesmo tempo ficava aterrorizada com qualquer contato. O modelo final foi um aperfeiçoamento de várias tentativas. Conta que se não fosse a máquina não teria suportado os anos da faculdade, principalmente os dias mais tumultuados, pois não poderia se voltar para qualquer ser humano em busca de consolo – só com sua máquina conseguia se tranquilizar. Não é apenas prazer e relaxamento que ela obtém com sua máquina. Através do equipamento, ela vivencia um sentimento pelos outros. Nos momentos em que é abraçada pela máquina lembra-se de sua mãe, sua tia predileta e seus professores. É como uma porta que se abre para um mundo emocional, ao qual ela não teria acesso sem essa estratégia.

Temple define seu pensamento como visual – é capaz de reproduzir imagens e esquemas idênticos ao capturado por sua memória visual. Ela diz que todo autista tem um forte pensamento visual, como ela. Narra que um acontecimento mudou a sua vida aos 15 anos: ficou fascinada pelas calhas afuniladas utilizadas para segurar o gado e seu professor de ciências deu consistência a isso, sugerindo que ela construísse sua própria calha afunilada. Foi quando criou sua primeira máquina de abraçar. A partir de então se interessou por ciências e biologia começando com suas invenções e considerações sobre fazendas de criação. Para ela a linguagem social sempre foi difícil – nunca entendeu alusões, ironias, metáforas e brincadeiras; enquanto que a linguagem técnica sempre foi fácil para ela, dando-lhe acesso à ciência. Mas, desde a adolescência percebeu que nunca poderia desfrutar de prazeres normais – amor,

amizade, lazer – então decidiu que ficaria solteira e dedicaria sua vida à ciência. Ao final do encontro disse a Oliver Sacks:

– Você olha o regato, as flores, vejo quanto prazer você tira disso; a mim isso não é dado.

– Você tira um tal prazer do pôr do sol; queria conseguir o mesmo. Sei que é bonito, mas não o capto.

– Se pudesse estalar os dedos e deixar de ser autista, não o faria – porque então não seria mais eu. O autismo é parte do que eu sou.

Sacks finaliza dizendo que, a partir de 1990, houve uma explosão de livros escritos por e sobre autistas, mas nenhum deles se compara ao livro de Temple Grandin: *Emergency: labeled autistic*.

Vale ver a TED Conference da bióloga, com legenda em português: “O mundo necessita de todos os tipos de mente”. O link do vídeo é: [http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/temple\\_grandin\\_the\\_world\\_needs\\_all\\_kinds\\_of\\_minds.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds.html)

Um antropólogo em Marte – Sete histórias Paradoxais

**Autor:** Oliver Sacks

**Editora:** Companhia das Letras

**Tradução:** Bernardo Carvalho